



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Ernest Hemingway

**Verdade ao amanhecer**

Introdução de  
Patrick Hemingway

Tradução de  
José Lima

2.a Edição  
Publicações Dom Quixote, Lda.

Título original:  
*True at First Light*

Capa de:  
Miguel Imbiriba

Revisão tipográfica: Lídia Freiras La edição: Novembro de 2000

1ª edição: Janeiro de 2001  
Depósito legal n.o 160224/01

Execução gráfica: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1922-8

*«Em África uma coisa é verdade ao amanhecer e mentira pelo meio-dia e não devemos respeitá-la mais do que ao maravilhoso e perfeito lago bordejado de ervas que se vê além da planície salgada crestada pelo sol. Atravessámos essa planície pela manhã e sabemos que tal lago não existe. Mas agora está lá e é absolutamente verdadeiro, belo e verosímil.»*

ERNEST HEMINGWAY

## I INTRODUÇÃO

Esta história inicia-se num lugar e num tempo que, pelo menos para mim, continuam a ser extremamente importantes. Passei a primeira metade da minha vida adulta na África Oriental e pude dedicar-me à leitura da história e da literatura das minorias britânica e alemã que aí viveram pelo curto período de duas gerações e meia. Talvez que os primeiros cinco capítulos não sejam fáceis de seguir nos dias de hoje sem alguns esclarecimentos sobre o que então se passava no Quênia, a Norte do Equador nesse Inverno de 1953-54.

Jorno Kenyatta, um africano negro instruído e bastante viajado, um kikuyu que tinha casado com uma inglesa quando vivia na Grã-Bretanha, tinha, no dizer da administração colonial britânica da época, regressado ao seu Quênia nativo e desencadeado uma insurreição de trabalhadores agrícolas negros, os mau-mau, contra os fazendeiros brancos europeus donos das terras que os kikuyu consideravam que lhes tinham sido roubadas. É o lamento de Caliban *d'A Tempestade*

É minha, que me veio de minha mãe Sycorax  
Esta ilha que me roubaste! Quando aqui chegaste,  
A princípio eram só afagos, tudo atenções, e davas-me  
Água com bagas dentro; ensinavas-me  
O nome da grande luminária e o da mais pequena  
Que dia e noite brilham; e ganhei-te assim afeição  
E mostrei-te então todas as qualidades da ilha:  
Frescas torrentes, poços salobros, os sítios áridos e os férteis.

Os mau-mau não eram de modo nenhum o movimento pan-africano de independência que quarenta anos mais tarde haveria de impor o domínio da maioria africana negra em todo o continente sub-saariano, mas sim um fenómeno antropológico de um modo geral específico da tribo kikuyu. Um kikuyu tornava-se um mau-mau pronunciando um juramento sacrílego que o separava da sua vida normal e o transformava num míssil humano suicida

apontado ao seu patrão, o fazendeiro europeu emigrado. O utensílio agrícola mais utilizado no país chamava-se panga, palavra swahili que designava uma lâmina pesada de um fio, feita de uma folha de aço das Midlands inglesas devidamente batida e afiada, capaz tanto de cortar mato, como cavar ou matar pessoas consoante as circunstâncias o exigissem. A bem dizer todos os trabalhadores agrícolas tinham uma. Não sou antropólogo e o que descrevo poderá parecer absurdo, mas era assim que os fazendeiros europeus emigrados, as suas mulheres e filhos, viam os mau-mau. Acontece porém que a maior parte das pessoas que acabou por ser morta ou estropiada por esta peça de antropologia aplicada não foram as famílias de fazendeiros europeus que eram o seu alvo, mas sim os kikuyu que se recusavam a prestar juramento e que cooperavam com as autoridades coloniais britânicas.

A região que na época em que esta história se passa era conhecida como as White Highlands, uma reserva exclusivamente destinada às explorações agrícolas europeias e que os kikuyu achavam que lhes tinha sido roubada, ficava situada a uma altitude mais elevada e era mais irrigada do que as terras tradicionais dos kamba. Apesar de falarem uma língua baniu muito próxima do kikuyu, a agricultura de subsistência dos kamba obrigava-os a recorrer à caça e à colheita para compensar a aleatória produção dos campos cultivados, sendo assim por necessidade menos apegados ao sítio onde viviam do que os seus vizinhos kikuyu. As diferenças culturais entre os dois povos são, subtis e poderão ser mais facilmente compreendidas se as compararmos com duas nações que partilham a Península Ibérica, os espanhóis e os portugueses. Sabemos o suficiente desses povos para vermos que o que pode dizer alguma coisa a um deles em nada interessa ao outro, e era isso que se passava com os mau-mau. A maior parte das vezes isso em nada interessava aos kamba, o que era uma sorte para os Heringways, Ernest e Mary, que de outro modo teriam muitas hipóteses de ter sido mortos à catanada enquanto dormiam pelos próprios criados em quem tanto confiavam e que julgavam compreender.

No início do capítulo 6, a ameaça de um ataque exterior contra o acampamento do safari dos Heringways por um grupo de mau-mau kambas fugidos da prisão tinha-se dissipado como a bruma sob o calor do sol da manhã e o leitor contemporâneo poderá deliciar-se sem dificuldade com o que se segue.

A minha fortuita posição de segundo filho valeu-me o ter passado bastante tempo com o meu pai durante os últimos anos da infância e na adolescência, o período dos seus casamentos com Martha Gellhorn e Mary

Welsh. Lembro-me de certo Verão, tinha eu treze anos, em que inadvertidamente entrei no quarto do papá na casa que Marty lhes tinha arranjado em Cuba e os surpreendi a fazer amor numa daquelas posições acrobáticas recomendadas nos manuais para atingir a felicidade na vida conjugal. Recuei de imediato e acho que não me viram, mas quando estava a fazer a revisão da narrativa que aqui se apresenta e ao chegar à passagem em que o papá descreve Marty como uma fingida, aquela cena voltou-me vividamente à memória, depois de cinquenta e seis anos de esquecimento. Que fingida.

O manuscrito sem título de Hemingway conta cerca de duzentas mil palavras e não tem nada de um diário. O que aqui se lerá é uma ficção com cerca de metade dessa extensão. Espero que Mary não me leve a mal por dar tanta importância a Deb,ba, uma espécie de imagem inversa daquilo que era a soberana classe de Mary como esposa que acabou por levar a cabo uma imolação de vinte e cinco anos, numa pira alimentada a gin em vez de lenha de sândalo.

O ambíguo contraponto entre ficção e realidade constitui o cerne deste relato. A exploração que dele faz o autor ao longo de várias passagens não deixará seguramente de deliciar qualquer leitor sensível a tal música. Passei algum tempo no acampamento de Kimana, conheci toda a gente que lá se encontrava, negros e brancos, e li tudo sobre ele e por qualquer razão que não consigo bem explicar traz-me à ideia algumas coisas passadas no Verão de 1942 no Pilar quando o meu irmão Gregory e eu, tal Fred, o filho de treze anos do Capitão Grant, em Vicksburg, passámos um mês ainda crianças com a sua admirável tripulação que se encontrava em serviço temporário como auxiliares da marinha. O operador de rádio era um marinheiro de carreira que em tempos tinha estado destacado na China. Durante esse Verão de caça aos submarinos tinha tido a possibilidade de ler *Guerra e Paz* pela primeira vez, pois apenas estava de serviço por períodos muito curtos, ficando de prevenção a maior parte do dia e da noite e aquele romance fazia parte da biblioteca do navio. Ainda me lembro de nos contar como o livro ganhara ainda mais importância para ele por ter conhecido tantos russos brancos em Xangai.

Hemingway foi interrompido na sua primeira e única versão do manuscrito por Leland Hayward, então casado com a senhora que nesta história tem de se contentar em viver através dos telefonemas de longa distância, e pela equipa de filmagens d'*O Velho e o Mar* para ir com eles ao Peru

e os ajudar a pescar um espadarte de fotografia. A Crise do Suez, que encerrou o canal e pôs termo aos seus planos de nova viagem à África Oriental, pode ter sido uma das razões por que não voltou à obra inacabada. Sabemos, pelo que lemos nesta história, que andava a pensar no Paris «dos velhos tempos» e talvez que outra das razões do abandono tenha sido por achar que lhe seria mais gratificante escrever sobre Paris do que sobre a África Oriental, que apesar da sua beleza fotogénica e das suas emoções não tinha durado mais do que alguns meses, que o tinham maltratado duramente, primeiro com uma disenteria arnibiana, e a segunda vez com os acidentes de avião.

Se Ralph Ellison ainda fosse vivo, ter-lhe-ia pedido para fazer esta nota introdutória, pelo que escreveu em *Shadow and Act*:

«Ainda me perguntam porque é que Hemingway foi para mim mais importante do que Wright? Não foi por ser branco, ou mais «reconhecido». Mas porque apreciava as coisas deste mundo de que eu gostava e Wright, porque demasiado inquieto, por falta de meios ou por inexperiência, desconhecia: as estações, as armas, os cães, os cavalos, o amor e o ódio, e aquelas situações extremas que para os corajosos e abnegados se podem transformar em vantagens e vitórias. E porque a precisão com que descreve os processos e as técnicas da sobrevivência do dia-a-dia é tal que o meu irmão e eu pudemos manter-nos vivos durante a Recessão de 1937 seguindo as suas instruções sobre a caça a aves em voo; porque sabia a diferença entre a política e a literatura e tinha uma ideia da sua verdadeira relação com o escritor. E porque tudo o que escreveu - e isto é muito importante - estava impregnado de um espírito para além do trágico que me tocava particularmente, por estar muito próximo do sentimento dos *blues*, que são, talvez, o que os americanos conseguem exprimir de mais parecido com o espírito da tragédia.»

Estou perfeitamente convencido que Hemingway tinha lido *O Homem Invisível* que isso o ajudou a recompor-se depois de dois acidentes de avião que quase os mataram, a ele e a Mary, quando recomeçou a escrita do manuscrito africano em meados dos anos cinquenta, um ano ou menos depois dos acontecimentos que inspiraram o seu regresso ao trabalho criativo. Talvez estivesse a pensar em Ellison ao escrever os reparos que faz no rascunho do



manuscrito a propósito dos escritores que roubam ideias uns aos outros, pois a cena dos alienados do manicómio do romance de Ellison parecesse muitíssimo com a dos veteranos de guerra no bar de Key West do *Ter ou não Ter*.

Ellison escreveu o ensaio dele em princípios da década de 1960, não muito tempo depois da morte de Hemingway, no Verão de 1961, e evidentemente não tinha lido o manuscrito africano inacabado, que eu lambi para aqui o dar no que espero não ser a pior das formas possíveis: *Verdade ao Amanhecer*, pegando no que o meu pai escreveu pela manhã e fazendo aquilo que Suetónio descreve na sua obra *Vidas de Homens Ilustres*:

«Conta-se que quando escrevia as *Geórgicas*, Virgílio tinha por costume ditar todos os dias um grande número de versos que tinha composto pela manhã, e que passava então o resto do dia a reduzi-los a um número ínfimo, observando com espírito que se limitava a fazer ao seu poema a mesma coisa que uma urso ao lambe o filhote, para lhe dar pouco a pouco a forma definitiva.»

Só Hemingway poderia ter lambido o seu rascunho inacabado para o tornar no *Ursus horribilis* que poderia vir a ser. O que eu proponho em *Verdade ao Amanhecer* parece-se mais com o ursinho de peluche de uma criança. Passarei a levá-lo sempre comigo para a cama e antes de me estender para dormir e de pedir a Deus que guarde a minha alma se morrer no meu sono, pedirei ao Senhor que leve a minha alma e te abençoe a ti, Papá.

Patrick Hemingway

Bozeman, Montana

16 de julho de 1998

# 1

As coisas não eram muito simples neste safari porque as coisas tinham mudado muitíssimo na África Oriental. O caçador branco fora um amigo próximo durante muitos anos. Respeitava-o como nunca respeitara o meu pai e ele confiava em mim, o que era mais do que eu merecia. Valia a pena, no entanto, tentar merecê-lo. Tinha-me ensinado deixando que eu me desenvencilhasse e corrigindo-me quando fazia asneiras. Quando fazia alguma asneira ele explicava-me. Depois, se não voltasse a cometer o mesmo erro, voltava a explicar-me um pouco mais. Mas tinha um espírito nómada e acabou por ter de nos deixar porque precisava de estar na sua quinta, que era o nome que davam no Quénia a uma exploração de gado com oito mil hectares. Era um homem bastante complicado feito da mais absoluta coragem, de todas as belas fraquezas humanas e uma compreensão das pessoas estranhamente subtil e extremamente crítica. Era de uma dedicação total à família e à casa mas gostava ainda mais de viver longe de ambos. Adorava a casa, a mulher e os filhos.

- Tens algum problema?

- Não quero passar por parvo com os elefantes.

- Hás-de aprender.

- Mais alguma coisa?

- Convence-te que todos sabem mais do que tu mas que é a ti que cabe tomar as decisões e de as aguentar. Deixa o acampamento e essas coisas ao Keiti. Faz o melhor que poderes.

Há pessoas que adoram mandar e na sua pressa em tomar as coisas em mãos mostram-se impacientes com as formalidades de receber o poder de outra pessoa. Adoro o comando por ser uma liga ideal de liberdade e escravidão. Podemos ser felizes com a nossa liberdade e quando ela se torna demasiado perigosa buscamos refúgio nos nossos deveres. Durante muitos anos não tinha exercido nenhum comando que não fosse sobre mim próprio e isto começava a aborrecer-me pois que me conhecia assim como conhecia bem demais os meus defeitos e virtudes, que me deixavam pouca liberdade e muitos deveres. Ultimamente tinha lido vários livros escritos sobre mim por pessoas que sabiam tudo da minha vida interior, objectivos e motivações. Ler esses livros era como

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

